

Polysemy does not exist

Clara Nunes Correia

This presentation aims at discussing the concept of polisemy as an operative concept for propositional semantics.

Dealing with data of EP linguistic forms (as determiners, conjunctions, prepositions and adverbs) and grammatical constructions (complex sentences, aspectual and modal markers) usually described (or interpreted) with a polysemic sense, we tried to find out under which conditions all data can be unified, if we take into consideration an abstract schema (schematic form). We can define a schematic form as an abstract configuration giving us the notional framework of a lexical item or of a set of lexical items that bring together all the possibilities of the occurrences of this item in a language.

This hypothesis gives us the stability of the diversity of linguistic shapes and it allows us to understand the different values that we can get when we try to explain how a value of linguistic shapes and their deformability is supported by a notional stability. In this sense, it seems that the concept of polysemy is not at all useful to describe this relationship.

A polissemia não existe

Clara Nunes Correia

Nesta apresentação proponho-me discutir alguns argumentos que permitem mostrar que a polissemia – “la faculté que possèdent les mots de se présenter sous tant de faces (Bréal 1887) – não é nem um ponto de chegada, nem um ponto de partida para a análise semântica proposicional, não se considerando, por isso, este conceito relevante para a compreensão/descrição de formas linguísticas.

Esta análise permitirá evidenciar que as diferentes interpretações atribuídas a um dado termo resultam das configurações que esse termo estabelece com outros nas diferentes sequências linguísticas.

Partindo da constatação de que (i) todas as formas linguísticas têm sentido, (ii) todas as formas linguísticas ganham sentido quando se interrelacionam com outras, e que (iii) todas as formas linguísticas podem ter mais do que um sentido, julga-se necessário entender que os valores das formas linguísticas que ocorrem numa dada sequência frásica resultam da interligação necessária entre os conceitos de sentido /significado e significação. Se se aceitar que a ‘significação’ de uma

sequência frásica resulta da relação que as formas estabelecem entre si, o valor de uma forma linguística (A) que integra essa sequência pode ser alterado a partir da relação que A estabelece com B numa dada proposição R. O sentido de R é-nos dado a partir da relação que se estabelece entre A e B, através de ‘r’ (predicador lógico).

A partir desta configuração de natureza proposicional (e relacional), e face à constatação de que, nas línguas naturais, quer as formas linguísticas, quer as construções gramaticais podem desencadear um conjunto diversificado de valores, defende-se que a significação construída pode ser potencialmente diferente para as diferentes configurações em que essa formas ou construções ocorrem

Assim, podem ser definidas três hipóteses, conducentes a uma análise e explicação das ocorrências entendidas como ‘polissémicas’: ou se aceita que não há unificação de valores: cada item é um item que por si só tem um valor específico (hipótese (a)), ou as diferentes formas linguísticas têm um sentido entendido como um resultado das posições que ocupam nas diferentes configurações (cf. atestações dos dicionários) (hipótese (b)) ou, e em alternativa, há unificação de valores a partir de uma forma de base – a que se dá o nome de forma esquemática.

De acordo com este ponto de vista, [em que] uma forma esquemática é identificada com um ‘guião’ abstracto. (...)” (Paillard 2001: 101), é possível definir para as diferentes formas os ‘guiões abstractos’ que permitem, nas diferentes línguas, estabilizar a relação entre a forma esquemática e a deformabilidade das formas linguísticas quando são produzidas e reconhecidas pelos falantes.